

Tudo o que ninguém quer *Nas sombras da ditadura*

Crônicas de Amazônia

07 de setembro de 2018

Nossa descida ao aeroporto de Belém é anunciada. Eu fecho meu Mac e olho além do passageiro ao meu lado na distante paisagem urbana. O céu está preto com uma tempestade iminente. Meu vizinho desliga o celular. Ele tem escutado os tons inconfundíveis da acusação furiosa do candidato presidencial, Bolsonaro, nas três horas completas do voo. "Como você acha que as eleições vão acabar?", eu pergunto.

"Bolsonaro vai ganhar. Nós precisamos do choque. Hoje a água chega até aqui". Ele levanta a palma da mão aberta sob o nariz. "Ele é agressivo. Perde o controle às vezes. Mas ele sabe que a situação é crítica. Disciplina na escola é a chave. Você Americano?"

"Nascido em Londres", respondo. "Estou morando aqui há 20 anos. E você?" Eu olho para o meu companheiro, humilde, mestiço, reflexivo. "Barão de Cocais, uma pequena cidade em Minas Gerais. Trabalhou no Vale do Aço. Mas eu sou mais de que aço. Eu viajei para fora do Brasil. Você fala bem." Eu sorrio. Ele continua. "Eu vivi a ditadura. Os generais foram corrompidos. Este Bolsonaro nunca aceitou propina. Em sete mandatos. Ele não precisa de seus 8 segundos na TV. Ele faz notícia. Ele criará o choque de que precisamos". Ele estende a mão aberta. "André".

No portão de embarque em Brasília, fiquei chocado ao ver quatro profissionais de terno escuro se saudarem e cantar em uníssono, "Bolsonaro". Sua indignação moral expressa claramente raiva reprimida. "Dan". Eu sorrio, apertando a mão de André. "Desconfiança venceu esperança", proponho, lembrando a frase icônica do então presidente Lula. Hoje, o ex-presidente lidera as eleições eleitorais, condenado por corrupção ainda não comprovada. O engraxate que se tornou metalúrgico, o líder sindical que se tornou presidente provou que a esperança poderia vencer o medo. Mas não venceu a bíblia, a bala e o boi da elite, nem a sedução do reconhecimento e da dor corrompedora pela imunidade eterna da fome.

"Eu tenho 70 anos no mês que vem, de uma grande família". André se inclina para mim, confidencialmente. "Eu não entendo isso. Só minha irmã estudou. Tornou-se professora universitária de pedagogia. E ela virou petista. Seus filhos e filhas também. Agora não podemos nem sentar na mesma sala. Ele olha para as nuvens escuras, depois se vira para mim, os olhos cheios de lágrimas. "Eu não quero ser governado por generais. Mas

quem mais está qualificado? Fomos enganados por terroristas que esconderam seu desejo de poder por trás de promessas de democracia”.

André olha para Belém. “Você conhece a Amazônia?”, eu pergunto. “Minha primeira vez”, responde André. “Vamos pescar no Rio Xingu. Nós voamos para Altamira”. Eu sorrio. “Conheço bem. Nós visitamos a represa hidrelétrica. Tudo o que vimos eram peixes mortos”. André sacode a cabeça. O mesmo com o desastre de Mariana. Perto de mim. Terrível. 500 anos de poluição tóxica. Ambos durante o governo do Partido dos Trabalhadores”. Nós voamos profundamente nas nuvens. Sem visibilidade. Eu me pergunto se o avião será capaz de pousar.

“Altamira se tornou a cidade mais violenta do Brasil”, acrescenta André. “A segurança na mineração é minha praia. 30.000 trabalhadores contratados sem infraestrutura. A polícia militar suportou a tragédia social. E as empresas multinacionais de mineração foram absolvidas. Nem um centavo em compensação. É governo pela elite para a elite. As bibliotecas queimam e as pessoas que sofrem, festejam”.

O avião pousa e nós ficamos de pé. André ergue a mão para debaixo do nariz. “Até aqui. E se todos os corruptos e ricos bloquearem Bolsonaro, os generais intervirão. Tudo o que ninguém quer”. Nós apertamos as mãos. “Boa pesca”, sorrio e ligo o celular.

Jair Bolsonaro acaba de ser esfaqueado durante um comício em Juiz de Fora, Minas Gerais. Eu ando pelo aeroporto para pegar o meu caso, lendo em descrença. Uma única ação transformou o admirador agressivo, homofóbico e racista de Trump em vítima, herói e salvador. Um símbolo vivo de seu próprio discurso. A tempestade explode dramaticamente acima do aeroporto. No carrossel, passo fotos e clipes do esfaqueamento. Uma multidão vingativa, a cirurgia e declarações vazias de seus oponentes.

A Presidente Dilma Rousseff que sofreu impeachment provoca uma polêmica: “Quando você planta ódio, você colhe tempestades”. Chuva torrencial abafa anúncios de voos cancelados.

02 outubro de 2018

O mototaxi desacelera ao meu lado na rodovia Trans-Amazônica, em frente ao quartel do 4o. Batalhão da Polícia Militar. “Para onde?” pergunta o taxista. Estou chocado. Ninguém havia me avisado que, dois dias antes, um novo coronel das Missões Especiais havia substituído o comandante regional da Polícia Militar, uma referência na segurança comunitária. Na primeira intervenção, o respeito mútuo e a confiança construídos ao longo de sete anos de colaboração cultural entre a nossa comunidade afro-indígena de Cabelo Seco e uma Polícia Militar que executou líderes dos movimentos sociais e a juventude negra durante décadas com impunidade, foram apagados.

"Eles invadiram nossas casas, mascarados, sem identificação", explicou a vizinha Maria, apontando para o apartamento de sua casa em frente: "acordaram e torturaram dois de nossos meninos, em seguida os mataram em suas camas. Ambos com apenas 17 anos de idade. Nos mandaram dentro de casa, na ponta da arma, que fechássemos nossas janelas e portas, mas ouvimos tudo."

Escutei os vizinhos traumatizados enquanto me levaram à porta arrombada da casa para fotografar o sangue seco no chão, onde um jovem foi arrastado e os colchões manchados de sangue. Quando mencionei as fotos ao novo comandante, ele explicou que a Missões Especiais era agora uma companhia independente, não mais sob sua responsabilidade; uma mudança de política acontecendo em todas as grandes cidades do Pará. O ambiente estivesse sendo criado para justificar a necessidade de uma ditadura civil populista. Bolsonaro já havia vencido!

"Senhor?" O taxista estende o capacete do passageiro. Naquela mesma tarde, na ação nacional de Marabá #elenão (#nothim), do Mulheres Unidas Contra Bolsonaro, uma avó de Cabelo Seco pediu o fim de toda a violência. Mas na mesma noite, a TV regional relatou a morte de dois alegadamente líderes do Comando Vermelho, em uma troca de tiros com a polícia das Missões Especiais. "Sabemos que as metralhadoras que a polícia apresentou como prova, são notícias falsas para mascarar seu erro", contou a Maria. Faço uma anotação para lembrar que a comunidade fale com a imprensa e com o novo comandante da polícia militar.

"O Senhor é Bolsonarista?" Olho para o tímido jovem taxista e dou quase um sorriso. "Claro que não." Ele cinge seu capacete de passageiro para o assento atrás dele. "Faça o seu próprio caminho, e vá se foder para casa."

Apenas um mês atrás, tal agressão tinha sido inimaginável. #elenão, o movimento de mulheres mais radical na história do Brasil, pode ter energizado movimentos sociais e criado um espaço de celebração para diversas minorias gritarem. Mas claramente não havia tocado uma grande maioria, cujos séculos de raiva visceral, inibido e não resolvido e auto-ódio haviam encontrado uma voz autêntica nas acusações compulsivas e não mediadas do ex-oficial do Exército. E isso não começou a tranquilizar aqueles aterrorizados dentro de sua casa, local de trabalho e rua, e encarcerados em timidez crônica, que a empatia reflexiva e educação foram a resposta.

18 de outubro de 2018

Uma explosão de vozes furiosas do lado de fora de nossa 'Casa dos Rios' envia gatos assustados correndo em todas as direções. As luzes intensas da rua no Rio Tocantins brilham na lâmina de uma faca na mão de um vizinho normalmente quieto. "Vá em frente, primo!", grita Tiago. "Corte minha

garganta, como Bolsonaro cortará as veias da Amazônia!" Suas mães se juntam rapidamente, cobrindo suas bocas. As raízes da comunidade de Cabelo Seco são um emaranhado de três famílias extensas que viveram em unidade silenciosa por 112 anos. Ninguém nunca viu tanto ódio.

"Vocês não vêem?", Implora Tiago com seus parentes chocados, de olho na lâmina circulante. "O *Coiso* nos odeia! Pelo que somos. Ele não apagará apenas aldeias indígenas e quilombos africanos no interior. Ele vai atropelar nossos direitos nas cinzas de todas as florestas que ele queimará". Seu primo foi para cima dele: "Você está protegendo o fantoche de um ex-presidente condenado de Mafioso!" Tiago se vira para a multidão inchada. "Quando Dilma sofreu impeachment, Bolsonaro celebrou o general que ordenou que os ativistas fossem pendurados de cabeça para baixo, amordaçados e encapuzados, de helicópteros, bem aqui, na frente de nossas portas abertas, para abrir suas cabeças nas rochas da praia de Tucunaré. Torturados em nome da nação e deus!"

O primo de Tiago aponta a faca para o norte. "Vá para a Venezuela, merda comunista. Seu tipo não é mais bem vindo aqui!"

19 de outubro de 2018

Um grito à distância, logo depois da meia-noite, o Bryan, inclina-se sem a camiseta contra a mangueira na praça da aldeia de Cabelo Seco. Rafael se aproxima do banco de concreto lascado, com amigos de infância. Vítimas do pior ensino médio do Estado no Brasil, esses primeiros eleitores lêem os ventos e os rios do futuro. Saúdo-os e encho o nosso galeão com água do poço artesiano profundo, ainda a água mais pura de Marabá.

"A questão me atormentou desde os resultados do primeiro turno das eleições de 7 de outubro. Votar na segunda rodada por um autoproclamado homofóbico, racista e misógino que condena abertamente a democracia como fraca, corrupta e ineficiente, e defende a ditadura? Ou votar no fantoche de um governo corrupto do povo, dirigido pelo manipulador de marionetas preso"? Estou surpreso que este debate espontâneo de bastidores esteja ocorrendo, aqui em Cabelo Seco!

Um por um, os amigos de Rafael condenam o sistema que roubou seu horizonte e os líderes do Partido dos Trabalhadores que traíram sua confiança. "O mito, o salvador que fala o que pensa, fala o que todos nós estamos pensando". Rafael entra. "Mas a liberdade que temos agora, para conversar aqui depois da meia-noite. Tudo vai desaparecer. Bolsonaro vai militarizar todas as escolas, todas as praças e todas as esquinas. Ele armará os latifundiários e nos expulsará de nossas casas para pegar o ferro e o ouro sob nossos pés. Quatrocentos anos de industrialização em 40 anos! Nosso povo já sofreu uma ditadura militar de 20 anos. Mas nenhum de nós se lembra e aqueles que lembram ainda estão com muito medo de falar. Mais

uma vez, nós seremos pegos no fogo cruzado. Só que desta vez as pessoas votarão para serem reprimidas"!

O silêncio paira no banco. Duas mães solteiras, um jovem marcado por um bala perdida e três jovens pescadores que venderam suas redes, olham para baixo, silenciados pela pergunta penetrante de Rafael. Ele olha com muito carinho para cada um deles. "Estou com medo, amigos. Nossa primeira eleição, tanta responsabilidade". A sombra da mangueira projetada pelo poste da praça da vila se mistura com as sombras da primeira escolinha de Marabá, marcada para se tornar um centro de informações turísticas.

No calçadão, gatos gemem e brigam pelas gatas no cio. Rafael olha para o Tocantins. "Escolhemos o menos pior? Ou ser condenado a décadas de repressão, silêncio e holocausto ambiental irreversível?" Desliga a torneira para escutar.

Rafael se volta para enfrentar um dos melhores pescadores de sua geração. "E você, Bryan?"

Bryan olha para cima. Seu carisma fácil está sendo gradualmente roubado pelo crack, trocado pela perda do peixe tucunaré que ele vendeu de porta em porta, desde a infância, pendurado em um bastão de bambu em suas costas musculosas. Ele sorri, uma cintilação nos olhos ainda brilhante de resiliência.

"Eu não posso votar. Os policiais confiscaram meu documento de identidade quando invadiram nossa casa e assassinaram nossos dois primos enquanto dormiam". Ele balança a cabeça, como se estivesse de acordo com os antepassados indignados sob seus pés. "Esta noite é a minha última noite em Cabelo Seco. Eu fui marcado. Se eu não sair de madrugada, serei executado pela polícia ou traficantes". Em um instante, Bryan trouxe todos os jovens negros mortos de Cabelo Seco de volta à vida. Ele sorri, vendo-os presentes nas lágrimas não choradas dos olhos de seus amigos.

"Mas se eu pudesse votar, como filho do Rio Tocantins, pediria desculpas a Haddad. Para todos nós. Por levantar nossas esperanças e depois traí-las através de pactos com o diabo. Então eu diria: olhe para nossas canoas, branqueadas, aprisionadas e apodrecendo na lama tóxica rachada do Rio Tocantins. Veja nosso Itacaiúnas, nosso Araguaia, o Xingu. Olhe para todos os rios da Amazônia. Nossas nascentes estão morrendo. Você fez isso, em nome da energia verde para todos. Você cimentou nossos quintais em nome do desenvolvimento sustentável". Bryan sorri, surpreso com seu próprio foco e lucidez.

"Eu também seria generoso. Diria: você sabia que estávamos com fome, então você garantiu placas cheias para todos. Você sabia que podíamos ler o mundo, mas também sabia que precisávamos ser capazes de ler e escrever nossos próprios livros, então você construiu novas universidades para nós. Mas como cada pacto te corrompeu e seu poder te seduziu, você parou de

nos ouvir. Gradualmente, quando você impôs megaprojetos de morte e nos levou a consumir nosso próprio futuro, você traiu nossa confiança".

"Então eu diria: Fernando, o que você aprendeu, como pai, como filho, como líder político e como professor, daqueles anos Lula e Dilma"? Luzes vermelhas giratórias de viaturas militares em comboio aparecem à distância, entrando na Rua Quintino Bocaiúva que leva à praça. Bryan instintivamente inclina a cabeça mais fundo na sombra da mangueira. Ele umedece seus lábios. "Concluo apenas o que está em minha mente, pois meu voto foi negado". Ele fica de olho nos veículos que se aproximam.

"Eu termino dizendo: todas as nossas comunidades querem que a violência termine. Estamos todos com medo. Mas a prevenção não é um projeto. Pode criar uma ilusão de breve calma. Mas isso cria mais medo e raiva. E armar todas as casas e escolas só aumentará a violência. Ninguém pode viver com medo ou sem esperança".

Enquanto o comboio de veículos militares se aproxima do canto mais distante da praça, eu gesticulo para que Bryan se mova. E rápido. Ele concorda. Sua respiração acelera. Ele não tem noção se algum dia voltará.

"Eu diria Haddad, não fale sobre um projeto interrompido. Nem da democracia interrompida. Fale sobre projetos para o futuro. Da Amazônia, do Brasil e do mundo. Você acabou de visitar o Acre. Você sabe que os rios e florestas da Amazônia são a tecnologia mais avançada do mundo para se viver bem. Convide todos, os que têm medo, os silenciosos e os bravos, a criar um horizonte de boa vida, a sustentar e não sufocar o futuro".

Rafael sorri, aliviado, preparado para a última semana de debates. Todo mundo sobe para o banco de concreto lascado, rindo, um pouco mais alto, iluminado pelas luzes vermelhas giratórias.

Levanto nossos 20 litros de água pura e grátis para o meu ombro. Bryan desaparece nas sombras da mangueira.

Dan Baron
Rios de Encontro
Marabá, Amazônia